

A modernidade sobre rodinhas: a patinação na Porto Alegre do século XIX (1878-1882)

Modernity on wheels: Skating in 19th century Porto Alegre (1878-1882)

Victor Andrade de Melo¹

victor.a.melo@uol.com.br

Cleber Eduardo Karls²

cleber_hist@yahoo.com.br

Resumo: Considerando a possibilidade de lançar um olhar para a circulação de ideias de modernidade na Porto Alegre do século XIX, este estudo tem por objetivo discutir as primeiras experiências de patinação organizadas na capital gaúcha entre os anos de 1878, quando foi fundado o pioneiro Skating-Rink Americano, e 1882, quando estavam funcionando simultaneamente o Rink Cosmopolita e o Park Harmonia. Tendo em vista que a imprensa local já demonstrava vitalidade no período em tela, para alcance de nosso intuito fizemos uso de periódicos como fontes, notadamente dos anúncios dos riques neles publicados. Ao final, sugerimos que, ao forjar novos gostos e educar as sensibilidades para uma maior exposição corporal, a modalidade contribuiu para o dinamismo da cidade em mudança.

Palavras-chave: patinação, lazer, modernidade.

Abstract: Considering the possibility of looking at the circulation of ideas of modernity in 19th century Porto Alegre, this study aims to discuss the first experiences of skating organized in this city between 1878, when the pioneer Skating-Rink Americano was founded, and 1882, when both Rink Cosmopolita and Park Harmonia were operating simultaneously. Considering the vitality of the press in the period, to reach our goal we have used newspapers, mainly advertisements of rinks, as our sources. As a conclusion, we suggest that, by forging new tastes and educate people's sensibility for a greater exhibition of the body, skating contributed to the dynamism of the changing city.

Keywords: skating, leisure, modernity.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Largo de São Francisco de Paula, 1, Centro, 20051-070, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Largo de São Francisco de Paula, 1, Centro, 20051-070, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Introdução

Na segunda metade do século XIX, Porto Alegre era uma cidade em transição. A despeito de ser ainda um tanto provinciana, bem como de manter forte relação com referências rurais, notava-se claramente um conjunto de mudanças relacionadas à adesão a discursos de modernidade (Pesavento, 1999),

processo que se materializava, entre outras, na melhoria da infraestrutura urbana, na adoção de novos costumes, no aumento da efervescência política, no crescimento do seu protagonismo na Província.

O cenário de mudanças se acentuava em função da presença e ação de imigrantes, especialmente alemães e italianos, que trouxeram de seus países alguns posicionamentos e práticas que contribuíram para dinamizar ainda mais a cidade. Nesse complexo quadro de transformações se delineou uma nova urbe, na qual se chocavam novos e antigos valores.

Com o aumento da dinâmica social, é perceptível o melhor delineamento das diversões públicas. Mesmo que com certas peculiaridades – no caso de Porto Alegre é importante ter em conta os arranjos entre o rural e o urbano, entre o antigo e o novo, entre o que vinha do exterior e o que se estabelecia como regional (Pesavento, 1999, 2007) –, a articulação entre o crescimento e modernização das cidades e o desenvolvimento de práticas de entretenimento – na verdade, a gestação de uma cultura urbana que mobilizava um conjunto maior da população –, é uma ocorrência observada nos cenários internacional e nacional, no Brasil do século XIX, especialmente no Rio de Janeiro³.

Em Porto Alegre, uma parte dos entretenimentos seguiu arranjos mais tradicionais, protagonizados pelos mais populares. De outro lado, paulatinamente se conformou um mercado ao redor de divertimentos “mais modernos”, organizados em muitas ocasiões por estrangeiros, frequentados majoritariamente pelos setores médio e economicamente privilegiado da cidade. O Teatro São Pedro oferecia constantemente apresentações musicais. Havia eventuais temporadas de touradas. Entusiasmavam os espetáculos do Circo Casali, que tanto sucesso fazia em outras localidades, inclusive na capital do país. A Fábrica de Cerveja do Caminho Novo promovia frequentemente animadas festas (Karls e Melo, 2014).

Nesse cenário, em outubro de 1878, chegou a Porto Alegre uma novidade: a patinação. A modalidade desembarcou na cidade poucos meses depois de no Rio de Janeiro ter se instalado o Skating-Rink, estabelecimento que definitivamente instituiu o gosto pelos patins na sociedade da Corte. Na capital do Império, entre os responsáveis por essa iniciativa se encontravam os irmãos britânicos Normanton, que tinham inaugurado, em julho de 1877, o Rink Imperial, em São Paulo (Melo, 2015).

No cenário internacional, inicialmente na Europa e depois nos Estados Unidos, a patinação sobre rodas se estabeleceu como uma típica prática moderna, dramatizando

as ideias de mobilidade, velocidade e risco. Os patins eram encarados como artefatos que celebravam a articulação entre os avanços industriais e as mudanças na dinâmica de lazer. Os riques se tornaram arenas de consumo e exibição, promovendo encontros entre indivíduos de ambos os sexos e de diferentes estratos sociais (Crary, 2001).

No Brasil, a experiência pioneira da patinação surgira alguns anos antes, em 1872, no Rio de Janeiro, uma temporada no Teatro Lírico. A experiência chegou a ter algum sucesso, mas não o suficiente para que a iniciativa tivesse continuidade. De fato, só mesmo a partir da criação do Skating-Rink a prática se tornou uma febre na cidade, mantida inclusive quando o estabelecimento deixou de existir. No decorrer das duas últimas décadas do século XIX, o divertimento se espalhou por diferentes agremiações e riques, com destaque para os do Clube Guanabareense e do Belódromo Nacional (Melo, 2015).

Numa capital ávida por novidades, na qual já se valorizavam os entretenimentos e crescia a adesão a discursos de modernização, a patinação foi exaltada por vários motivos, especialmente por ser encarada como uma prática em que se articulava o desenvolvimento da saúde física com o vigor social, articulação que tornou mais aceitável uma maior exposição pública do corpo, dentro de limites plausíveis para o tempo (Melo, 2015).

O sucesso do Skating-Rink na Corte chegou a ser registrado em Porto Alegre. Em julho de 1878, *A Reforma* publicou uma matéria da *Gazeta de Notícias* na qual se informou com detalhes a cerimônia de inauguração do estabelecimento, o fausto das instalações e a grande acolhida do público (*A Reforma*, 18/07/1878, p. 3).

Logo as notícias deixaram de se referir à prática da patinação no Rio de Janeiro. Em agosto de 1878, um cronista informou: “Skating-Rink – Esta diversão, cujo circo se está construindo na Praça da Harmonia, deve inaugurar seus trabalhos em 7 de setembro” (*A Reforma*, 25/08/1878, p. 4). Como se pode ver pelos erros no nome do estabelecimento e pelo uso do termo circo, em vez de rinqe, ainda não se conhecia bem a novidade que estava para ser apresentada à população porto-alegrense⁴.

Por motivos que fogem à nossa compreensão, o novo estabelecimento somente foi inaugurado no final de outubro. A Praça da Harmonia (atual Praça Brigadeiro Sampaio), onde se construiu o rinqe, já não era mais o lugar obscuro que abrigara execuções (por isso também conhecido como Largo da Força) e um estaleiro (a região chegou a ser chamada de Praia do Arsenal). Tornara-se um sítio aprazível, ajardinado e arborizado. A nova denominação foi uma referência ao fim da Guerra do Paraguai.

³ Para um debate sobre o cenário internacional, ver Weber (1988) e Corbin (2001). Sobre o Rio de Janeiro, ver Marzano e Melo (2010) e Melo e Peres (2014).

⁴ Vale registrar que, no mesmo ano, em Pelotas também aumentou o interesse pela prática. Para mais informações, ver Koslowsky (2004).

Tal reforma foi concebida para que ela se tornasse um dos principais espaços públicos de lazer da cidade, em conjunto com a Praça da Independência. Logo foi considerado um dos mais *fashionable* logradouros de Porto Alegre, onde uma parte da população ia passear, se divertir e se exibir (Terra, 2001; Monteiro, 2006). Nada mais moderno do que o *footing* de fim de tarde. O Rink bem se adequava a esse novo perfil do local (Figura 1).

Considerando a possibilidade de lançar um olhar para a circulação de ideias de modernidade na Porto Alegre do século XIX, este estudo tem por objetivo discutir as primeiras experiências de patinação organizadas na capital gaúcha entre os anos de 1878, quando foi fundado o pioneiro Skating-Rink Americano, e 1882, quando estavam funcionando simultaneamente o Rink Cosmopolita e o Park Harmonia. Tendo em vista que a imprensa local já demonstrava vitalidade no período em tela (Hohlfeldt, 2006), para alcance de nosso intuito fizemos uso de periódicos como fontes.

Temos clareza da necessidade de considerar o publicado nesses veículos não como mera informação, mas sim como uma representação a ser prospectada em sua materialidade: perfil do periódico e do autor da matéria, local de inserção no jornal ou revista, característica de circulação do material, entre outros aspectos (Luca, 2005). Vale destacar, todavia, que, sobre o tema investigado, não foram encontrados editoriais, bem como poucos e breves foram os posicionamentos de cronistas.

Assim sendo, trabalhamos majoritariamente com anúncios das empresas de patinação e algumas poucas notícias, em geral breves informes. Nosso intuito, portanto, foi discutir como os proprietários de riques moldaram as informações sobre seus estabelecimentos tendo em conta



Figura 1. Praça da Harmonia, 1894.

Figure 1. Harmony Square, 1894.

Fonte: Repositório Digital da UFRGS (s.d.).

uma percepção sobre a cidade, sobre o que lhes parecia ser valorizado por certos grupos, a fim de atrair a atenção e simpatia do grande público e de setores influentes para que o negócio pudesse se viabilizar. Como sugere Cerri (2002, p. 200): “[...] a publicidade é uma porta privilegiada para o imaginário das sociedades, uma vez que deve falar a ele para que tenha sucesso em sua função primordial, de comunicar e vender ideias e produtos”⁵.

De toda forma, julgamos relevante brevemente apresentar o perfil dos periódicos mais utilizados. *A Reforma* era um jornal ligado ao Partido Liberal, criado em 1869 por um notório personagem do século XIX, Silveira Martins, que na altura já tinha uma importante trajetória na Corte. Mesmo tendo um denotado caráter político, não deixou de registrar as mudanças pelas quais passava a capital gaúcha. Segundo Ramos (2014, p. 61): “[...] os homens que faziam parte da redação do jornal *A Reforma* ou que com ele colaboravam eram membros de uma elite política intelectual da Província do Rio Grande do Sul e do Império, tendo alguns deles ocupado altos cargos”.

A Gazeta de Porto Alegre foi lançada, em 1879, por um colaborador do periódico anterior, um dos mais ativos jornalistas da cidade no século XIX, o empreendedor e polêmico Carlos Von Koseritz. Como *A Reforma*, a despeito de um corte político denotado, também informava sobre o cotidiano da cidade.

Já o *Jornal do Comércio*, lançado em 1865, segundo Hohlfeldt e Rausch (2006, p. 6), seguia a linha do homônimo carioca, “tornando-se uma das publicações culturalmente mais importantes da província”. Chegou a ser o maior periódico da região.

Por fim, destacamos *O Século*, conhecido pela riqueza de seus aspectos visuais e pelo caráter virulento de suas críticas, um perfil delineado pelo seu polêmico proprietário, Miguel de Werma (Figura 2).

Ressalta-se que, independentemente das diferenças de perfil, todos esses periódicos publicavam os anúncios das empresas de patinação e no máximo breves informações sobre os estabelecimentos. Logo, nesse caso, as distinções de abordagem de cada jornal não foram consideradas como agentes intervenientes significativos na análise do material.

Porto Alegre patina

Útil e agradável. No novo modelo de sociedade que estava se construindo na segunda metade do século XIX, no qual crescentemente se valorizavam as vivências públicas, havia certa cobrança, mais simbólica do que efetiva, de que as novas experiências conjugassem essas

⁵ Sobre o uso da publicidade como fonte, ver também Cerri (2005).



Figura 2. Jornal *O Século*.

Figure 2. *O Século* newspaper.

Fonte: APERS (2012).

duas dimensões. Os divertimentos, em geral, procuravam enfatizar esses aspectos, à busca de atrair público e lograr reconhecimento social. Como se tratava de um negócio, isso se tornou um elemento fundamental para garantir o lucro e a continuidade das iniciativas (Melo, 2014).

O anúncio de inauguração do Skating-Rink Americano seguiu essa tendência. Mais ainda, procurou deixar claro que o divertimento não feria a moralidade pública, estando o estabelecimento “montado com toda decência”, “decentemente decorado”, de forma a bem acolher “as Exmas. famílias que quiserem exercitar-se na patinação” (*A Reforma*, 25/10/1878, p. 3). Para demonstrar a seriedade da iniciativa, informou-se que os frequentadores seriam recebidos pelos próprios familiares do empresário.

A todo custo tentou-se dar provas da adequação da novidade. Outro argumento utilizado foi a valorização da patinação nos países mais “desenvolvidos”. O anúncio ressaltou que se tratava de “um dos divertimentos mais *fashionable* e populares tanto dos Estados Unidos, como da velha Europa” (*A Reforma*, 25/10/1878, p. 3). Essa conexão buscava reforçar a ideia de que a modalidade era uma expressão de avanço civilizacional.

Esse mesmo anúncio enfatizou outro suposto aspecto civilizado da prática, sua utilidade para a saúde.

Em Porto Alegre, todavia, a relação da patinação com esse tema não parece ter sido tão intensa como o foi no Rio de Janeiro (Melo, 2015). Pode-se argumentar que essa constatação teria relação com a natureza do material que consultamos.

Temos que reconhecer que foi mais fácil investigar os periódicos do Rio de Janeiro em função dos recursos oferecidos pela Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional⁶. Além disso, aparentemente os jornais da Corte publicavam mais posições sobre os costumes, enquanto os que consultamos de Porto Alegre veiculavam mais debates políticos propriamente ditos. De toda forma, na capital do Império, além de ser comum em editoriais e posicionamentos de cronistas, mesmo nos anúncios era flagrante a relação da patinação com a saúde e higiene.

Pode ser também que essa diferença no trato do tema tenha relação com as peculiaridades locais. Porto Alegre enfrentou sim epidemias diversas, que foram motivos de grande apreensão (Ávila, 2010), mas é possível que as repercussões não tenham sido tão generalizadas como o foram no Rio de Janeiro, ou ao menos essas não se manifestaram de forma tão intensa nos mais distintos fóruns sociais.

O Skating-Rink, a princípio, funcionava à tarde e à noite, já que dispunha de iluminação a gás, mais um sinal de que estava sintonizado com o progresso da cidade⁷. Crianças e mulheres eram bem-vindas, ainda que as últimas tenham demorado a se entusiasmar com a novidade, pelo menos enquanto praticantes. A empresa chegou a criar promoções: “[...] as Exmas. senhoras que desejarem tomar parte nesta tão útil quanto agradável diversão, não pagarão entrada” (*A Reforma*, 04/07/1879, p. 3). Para que se sentissem mais confortáveis, ofereciam-se horários exclusivos, sem que se as impedissem de frequentar o ringue em qualquer período.

Aqui percebemos outra diferença com o que houve na capital do país, onde houve rápida adesão feminina (Melo, 2015). Não é possível ser conclusivo, mas a explicação para tal pode estar uma vez mais na própria dinâmica das cidades. Estando o mercado de entretenimentos da Corte mais desenvolvido, tornou-se mais rapidamente aceitável uma maior presença das senhoras e senhoritas na cena pública⁸.

De toda forma, as mulheres constantemente integravam a assistência dos eventos do ringue porto-alegrense. Para a preocupação de alguns, o Skating-Rink tornou-se um dos principais espaços de flerte da cidade. Muitos homens,

⁶ Não há muitos periódicos de Porto Alegre disponíveis na Hemeroteca Digital. Uma boa parte dos jornais da cidade foi consultada no Museu da Comunicação Hipólito da Costa.

⁷ Vale dizer que, ainda que as primeiras iniciativas tenham surgido em 1852, somente a partir de 1874 a iluminação a gás começou a se tornar mais usual em Porto Alegre, com a inauguração da Usina de Gás de Hidrogênio Carbonado (Monteiro, 1995).

⁸ Algumas décadas mais tarde, essa participação feminina se tornaria mais notável em Porto Alegre. Seus nomes, por exemplo, foram citados quando da inauguração do Skating-Club, em 1909 (*A Federação*, 19/07/1909, p. 1).

inclusive, aproveitaram a ocasião para exibir suas habilidades para o sexo oposto. Eram claros sinais de que, mesmo que com limites, se distendiam os costumes.

É difícil precisar quem exatamente eram os “patinadores” do Skating-Rink, mas é possível perceber na divulgação dos eventos extraordinários (como as corridas, que vamos comentar mais à frente) que havia muitos sobrenomes estrangeiros entre os envolvidos (tais como Dillon, Bierregaord, Streiter, Obst, Albrecht, Deichsel, Glogner, entre outros). Podemos inferir que parte desses pioneiros conhecia a prática de seus países de origem.

Deve-se considerar que, por tratar-se de uma novidade, grande parte da população local não sabia patinar. Para atrair mais interessados, desde o início o Skating-Rink ofereceu um professor (Francisco de Paula Pinto) e duas professoras (entre as quais Carolina Nau⁹). A estratégia tinha em conta aumentar o lucro, não só por ampliar o número potencial de praticantes, como também por movimentar o rink em horários em que estava usualmente sem uso (pelas manhãs) (Figura 3).

Para aumentar o interesse do público, o estabelecimento se organizava como um centro de entretenimentos. Bandas de música animavam o ambiente. Em muitas ocasiões houve exibições de espetáculos bem elaborados, como óperas regidas por Gustavo Lindner, filho de alemão que se estabeleceu na cidade na transição dos anos 1840/1850, músico que se exibiu com frequência no Skating-Rink.



Figura 3. Anúncio do Skating-Rink Americano.
Figure 3. Skating-Rink Americano advertisement.
Fonte: *A Reforma* (29/10/1878, p. 3).

Até mesmo “O Guarany”, “do festejado maestro Carlos Gomes” (*A Reforma*, 17/11/1878, p. 3), foi apresentado com grande sucesso.

Foram também usuais as exibições dramáticas de patinadores. Já em novembro de 1878, a pantomima Amor sobre Rodas inaugurou esse tipo de espetáculo (*A Reforma*, 29/11/1878, p. 4). Românticas, cômicas, em tom de aventura: muitas foram as peças que entreteram o público no Skating-Rink. Como destaca Silva:

Na história do teatro, a pantomima tem uma larga tradição, tendo sido nos séculos XVII e XVIII um gênero muito em voga na Europa, particularmente nas feiras francesas e teatros ingleses. Nas descrições das atuações dos artistas das feiras desse período encontramos diversas características que estarão presentes nos grupos responsáveis pelo processo de constituição dos circenses, no final do XVIII: apresentavam uma variedade de números, como trapézio, equilíbrio, engolidores de fogo e de espada, ilusionismo, animais treinados, pernas de pau, música, histórias, performance (2010, p. 38).

As exibições musicais e teatrais aproximavam o Skating-Rink de teatros e circos, duas das diversões mais valorizadas na ocasião. Outra iniciativa, as corridas de patins, o aproximaria do esporte, uma prática que começava a ser reconhecida e se popularizar na Porto Alegre do século XIX (Mazo, 2003). As provas exponenciavam alguns sentidos que cercavam a patinação – o desafio, a velocidade, o risco –, noções que, como vimos, tornaram-se valorizadas em cenários nos quais se estabeleceu um diálogo com os parâmetros da modernidade. Alguns anúncios, aliás, lembravam que, nos riques de Rio de Janeiro e São Paulo, esse já era um evento muito apreciado (*A Reforma*, 04/07/1879, p. 3).

A dinâmica das corridas de patins era similar à que se organizava naquelas cidades. As inscrições eram individuais, exclusivamente para amadores, que participavam de provas de diferentes perfis. Os vencedores não recebiam remuneração pecuniária, mas sim troféus e presentes (*A Reforma*, 04/07/1879, p. 3). Ao contrário do Rio de Janeiro, quase não houve competições femininas.

Como se pode perceber, muitos iam ao Skating-Rink apenas para assistir às performances. O valor cobrado para a entrada (mil réis, com direito a empréstimo dos patins para os que desejassem experimentar “deslizar sobre rodas”) era compatível com outros entretenimentos da cidade, um indício de que se buscava atingir não só as elites. Para melhor atender os interessados, ônibus, *brec*, carros e *phaetons* eram disponibilizados (*Jornal do Comércio*,

⁹ Os nomes dos professores foram obtidos em *A Reforma* (21/08/1879, p. 3).

12/11/1878, p. 4). Dependendo da atração, linhas especiais eram oferecidas por solicitação de certos grupos, como se pode ver no anúncio de um evento realizado em agosto de 1879: “A pedido de muitos moradores do Menino de Deus, desejosos de assistir a esta diversão, haverá depois dela bondes para esse arraial” (*A Reforma*, 01/08/1879, p. 3).

O fato é que a patinação parece ter sido uma novidade arrebatadora, uma prática que rapidamente logrou reconhecimento¹⁰. Poucos dias depois de inaugurado, o Skating-Rink Americano anunciou a necessidade de cerrar as portas por alguns dias para fazer consertos e adaptações, a fim de receber melhor o público (*Jornal do Comércio*, 06/11/1878, p. 3). Em julho de 1879, pedindo muitas desculpas aos frequentadores, os empresários avisaram que o estabelecimento somente funcionaria três vezes por semana para que fosse possível mantê-lo arrumado e organizado, para que se fizessem os reparos necessários, inclusive nos patins, que se quebravam com frequência (*A Reforma*, 13/07/1879, p. 3).

A essa altura, o estabelecimento ficava aberto às terças, quintas, sábados e domingos, alguns períodos para “ensaios” (com ou sem instrutor), outros para “patinação aberta” (com bandas de música a animar o ambiente). Além disso, especialmente nos fins de semana, havia as já citadas exibições de atrações diversas. Eventualmente, dependendo do interesse do público e da natureza da programação, o Skating-Rink abria um dia mais.

Na segunda metade dos anos 1870, o estabelecimento passou por algumas reformulações, quando assumiu a gerência um importante personagem da sociedade porto-alegrense, Saturnino José Pinto (*A Reforma*, 22/07/1879, p. 3), que teve também grande envolvimento com a imprensa (foi inclusive o proprietário do *Álbum do Domingo*, um periódico noticioso e literário) e com o mercado literário (foi um dos criadores da Livraria do Globo).

Nessa nova fase, foram testadas algumas novidades, especialmente jogos com patins. Um dos anunciados foi “O jogo da aliança” (*A Reforma*, 18 jul. 1879, p. 4), uma disputa entre os patinadores que envolvia as mulheres que assistiam ao evento. Já o “Laço de Fita” foi apresentado como “engraçada diversão, das que mais agradaram no Rink da Corte” (*A Reforma*, 26/07/1879, p. 4). Houve muitas outras situações semelhantes.

O intuito era seguir apresentando inovações para chamar a atenção do público, o que de fato parece ter logrado sucesso. A pedido dos frequentadores, era comum a repetição de certos jogos. O que encantava a todos era a demonstração de habilidade e força. Como ocorria nos circos, as proezas atraíam olhares de admiração.

Em novembro de 1879, um novo arranjo surgiu. Um grupo de amadores, aparentemente da elite porto-alegrense, fundou o Clube de Patinadores, tendo como presidente o já citado Francisco de Paula Pinto. Não é fácil obter informações sobre seu funcionamento. Aparentemente era independente do Skating-Rink, mas por lá realizava seus eventos. Em algumas dessas ocasiões sequer se abria o rink para o grande público.

A despeito das diferenças de funcionamento, relacionadas ao estabelecimento de mecanismos de status e distinção, as atividades do Clube de Patinadores não se diferenciavam muito daquelas oferecidas pelo Skating-Rink Americano, com um pouco mais de ênfase nos desafios e nas demonstrações de habilidades, em provas inventadas por seus membros, divulgadas com grande alarde. Eram situações perfeitas para os homens se exibirem publicamente, deixando registrados seus nomes na memória cidadina (Figura 4).

A iniciativa não teve grande duração. Parece ter ocorrido com o Clube de Patinadores o mesmo que houve com iniciativa semelhante organizada no Rio de Janeiro (Melo, 2015)¹¹. Um condicionante a ser considerado é a própria dinâmica da modalidade. Ao contrário de outras práticas, como as esportivas, na patinação não era preponderante a necessidade de existir uma agremiação. O formato empresarial dava plenamente conta de dinamizar a diversão.



Figura 4. Anúncio do Skating-Rink Americano.
Figure 4. Skating-Rink Americano advertisement.
Fonte: *A Reforma* (11/10/1879, p. 4).

¹⁰ Percebendo o interesse geral, o *Jornal do Comércio* (10/11/1878, p. 1) inclusive publicou um breve histórico da modalidade no continente europeu.

¹¹ No Rio de Janeiro, na verdade, houve duas iniciativas de curta duração: o Clube dos Patinadores, criado em 1878, e o Skating Club, fundado em 1880 (Melo, 2015).

Outro problema parece ter sido de natureza operacional. Quando o clube se organizou, o Skating-Rink estava menos ativo, a despeito dos esforços para manter o mesmo interesse inicial. No fim de novembro, o estabelecimento comunicou a restrição de seu horário de funcionamento em função da redução do interesse do público, supostamente porque muitos já tinham aprendido a modalidade:

[...] os ensaios, criados expressamente para facilitar a aprendizagem da patinação, não preenchem mais os seus fins, por isso que todas ou quase todas as pessoas que os frequentam, já patinam bem e regularmente, aconselham não só a diminuição do número desses ensaios durante a semana, como a mudança da hora para as 6 da manhã que por certo é mais agradável (A Reforma, 27/11/1879, p. 2).

Além disso, mudanças foram feitas nos preços dos ingressos. O gerente Saturnino Pinto, ao anunciar a redução dos valores, fez um apelo: “A empresa que julga haver se mostrado sempre solícita em atender às conveniências públicas, espera continuar a merecer a proteção que até agora lhe tem dispensado o público desta capital, com cujo apoio está certa de contar em relação às alterações que acaba de fazer” (*A Reforma*, 27/11/1879, p. 2).

Essa ocorrência pode ter relação com o fato de que, seguindo um modelo muito similar ao do Skating-Rink, passou a oferecer sessões de patinação o recém-criado Teatro de Variedades, casa que futuramente dividiria com o Teatro São Pedro o protagonismo dramático da cidade, desde o início um estabelecimento muito afeito a novidades. Para além disso, é usual, no âmbito do entretenimento, um ciclo de duração restrito. Não é fácil manter o sucesso por muito tempo (Figura 5).

A ausência de jornais de 1880 a serem consultados deixa-nos uma lacuna para entender melhor o que houve na sequência. De toda forma, pelo que conseguimos



Figura 5. Anúncio do Theatro de Variedades.
Figure 5. Theatro de Variedades advertisement.
Fonte: *A Reforma* (16/12/1879, p. 3).

identificar, é possível inferir que a patinação seguiu tendo alguma presença na sociedade porto-alegrense. Em julho de 1881, ainda estava de pé o velho Skating-Rink, embora não saibamos por quem dirigido, nem mesmo com qual dinâmica de funcionamento.

Apenas conseguimos identificar, sem informar-se a motivação para tal, uma ordem da Câmara Municipal para o procurador obrigar judicialmente a demolição do estabelecimento (*Jornal do Comércio*, 08/07/1881, p. 2). Como a licença somente se encerrava em 1882, pode ser que alguma inatividade ou quebra de contrato tenha desencadeado tal decisão.

De toda forma, a cidade não ficou muito tempo sem um rink em funcionamento. Em novembro do mesmo ano de 1881, já se anunciava que “a pedido deles [amadores da patinação] e de várias famílias, já se acha à disposição do respeitável público o grande e convenientemente preparado RINK COSMOPOLITA” (*Gazeta de Porto Alegre*, 24/11/1881, p. 3). O empreendimento, localizado na mesma Praça da Harmonia, parece ter aproveitado a experiência anterior, mantido em linhas gerais a dinâmica das atividades (dias de “ensaios” – com patinação sem música, dias de patinação com música, eventos diversos), mas procurado oferecer mais conforto.

Um anúncio informou ter sido realizada uma grande reforma nos vestiários. A crer nessa informação, pode ser que o antigo rink sequer tenha sido destruído, mas sim aproveitado na nova iniciativa. Novidade mesmo foi a oferta de uma boa estrutura de alimentação, certamente tendo em vista não só garantir a comodidade dos frequentadores habituais, como também atrair novos interessados. O informe autoelogioso exaltava:

Dispõe de uma excelente e profusa copa, onde se encontram champanhe e as primeiras marcas de cerveja nacional e estrangeira, vinhos, licores e refrescos de todas as qualidades, salames, queijos, conservas, doces e uma infinidade de boas petisqueiras, que provocam a disposição ao estômago mais insequente. Tem quartos preparados para as famílias que queiram honrar este modesto estabelecimento, provando os nossos licores. Achando-se o botequim aberto todos os dias das 6 da manhã até a meia-noite (Gazeta de Porto Alegre, 24/11/1881, p. 3).

Ofereciam-se ainda belos jardins para os que desejassem passear ou descansar. O cuidado com essa atração chegou a atrasar a inauguração do Rink Cosmopolita. Não conseguimos saber exatamente o nome dos empresários que tocavam o novo estabelecimento (bem como dos responsáveis pelo antigo Skating-Rink).

Foi possível, contudo, perceber que um certo Serpa Pinto¹² e um tal Azevedo foram apresentados como responsáveis pelas constantes inovações da programação do rink (O *Século*, 23/04/1882, p. 2).

O mais importante é notar que esses empresários estavam atentos à necessidade de cuidar de todos os detalhes. O mercado dos entretenimentos na capital gaúcha se aperfeiçoava, lançando novas exigências a serem observadas. No caso da patinação, um exemplo dessas preocupações foi a oferta de patins mais confortáveis e seguros, os “especiais ingleses, marca Wlostwar & Kaff-Doo-well” (O *Século*, 30/04/1882, p. 2).

Além disso, aqueles que adquirissem seus próprios patins poderiam deixá-los guardados no estabelecimento. Na verdade, o artefato se tornou um dos pontos de inflexão da modalidade. Conforme foi sendo aperfeiçoado, ajudou a aumentar a performance e reduzir o risco de quedas, fatores que colaboravam para a atração de novos praticantes (Melo, 2015).

Outro aspecto interessante da programação do novo rink foi a realização de atividades públicas, fazendo uso da própria Praça da Harmonia. Houve não só exibições de patinação nesse espaço, como também apresentações musicais. Além disso, o Rink Cosmopolita acolheu alguns dos principais bailes de carnaval de Porto Alegre (*Gazeta de Porto Alegre*, 24/12/1881, p. 3). Essas estratégias, para além de movimentar o estabelecimento, contribuíam para aumentar o frenesi daquela valorizada região da cidade. Para alguns, a vida social agitada celebrava os desejos de progresso. De toda forma, era um claro sinal de que a capital gaúcha se modernizava.

No Rink Cosmopolita também houve corridas de patins para amadores. A diferença é que pareciam mais estruturadas, inclusive com a oferta de prêmios maiores. Em uma dessas ocasiões foi anunciado com alarde que a premiação principal seria “um lindo anel de ônix com dezesseis pedras de brilhante” (O *Século*, 23/04/1882, p. 2), exposto para apreciação nas vitrines da notória loja do Sr. Affonso Alvares. Chegou a haver provas em que houve apostas.

Todas essas ações (incluindo promoções nas entradas – reduzidas pela metade do valor antigo, e oferta de opções de transporte) contribuíram para manter alta a popularidade do Rink Cosmopolita. Isso acabou por exponenciar as ambiguidades típicas do desenvolvimento de um mercado de entretenimentos.

As novas diversões precisavam se tornar populares, não somente para viabilizar o negócio, como também

para garantir que os mais poderosos se exibissem na cena pública; eram arenas nas quais se dramatizavam os papéis sociais. De outro lado, os mais ricos frequentemente reclamavam da mistura social. O crescimento do número de interessados acabava por aumentar as tensões internas, mais ainda naqueles divertimentos que possuíam apostas, ao redor das quais não poucas vezes houve turbas.

No Cosmopolita houve conflitos dessa natureza. Em janeiro de 1882, por exemplo, anunciou-se “uma tremenda pancadaria no Rink, havendo cabeças quebradas e desordem não pequena”. Não conseguimos saber o motivo para tal. Para o cronista, “se continuar a semana com tão grande fertilidade de acontecimentos, é bem provável que não a vejamos finalizada sem outros tantos dramas do gênero”. Cada vez que um desses incidentes ocorria, colocavam-se em xeque os princípios civilizatórios que, sempre se argumentava, deveriam nortear os riques de patinação (*A Imprensa*, 17/01/1882, p. 2)¹³.

Outra interessante novidade da programação do Rink Cosmopolita foi a promoção de provas de tiro ao alvo, uma modalidade que teve grande penetração na região Sul do país, especialmente entre os imigrantes. Essas ocasiões eram acompanhadas com entusiasmo pelo público: “À diversão do tiro ao alvo, pela partida a pistola, que se anunciara entre dois dos melhores atiradores desta capital, concorreram anteontem muitos apreciadores” (*Jornal do Comércio*, 14/10/1882, p. 2) (Figura 6).



Figura 6. Anúncio do Rink Cosmopolita.

Figure 6. Rink Cosmopolita advertisement.

Fonte: O *Século* (16/07/1882, p. 3).

¹² Como se pode perceber, é o terceiro Pinto que aparece ligado à patinação (os outros dois são Francisco de Paula e Saturnino José). Não conseguimos identificar se eram membros da mesma família e mesmo alguns importantes personagens homônimos que se destacaram na sociedade porto-alegrense do século XIX. Sobre os Pinto, ver Pereira (2006).

¹³ Trata-se da única notícia de opinião que foi encontrada e utilizada.

Essa modalidade também foi valorizada no Park Harmonia, criado em novembro de 1882, na mesma Praça da Harmonia, estabelecimento que adotou uma dinâmica semelhante à do Rink Cosmopolita. O novo empreendimento já abriu as portas oferecendo uma novidade, o Pavilhão dos Atiradores, promovendo mais bem estruturadas competições de tiro ao alvo, inclusive com a implementação de apostas. Vejamos que isso se deu antes mesmo do surgimento das pioneiras agremiações porto-alegrenses dedicadas a esse esporte, o Clube dos Cavaleiros de Amostras (1885), o Clube de Tiro ao Alvo (1898) e o Clube dos Atiradores Alemães (1899) (Mazo, 2003).

Por aqui concluímos nosso estudo. Com dois riques funcionando com uma programação diversificada, localizados numa das regiões mais agitadas da Porto Alegre do século XIX – a modalidade ajudava a celebrar um dos períodos áureos da Praça da Harmonia –, consideramos que estava conformada a introdução da patinação na cidade (Figura 7).

Pavilhão dos atiradores
NO
PARK DA HARMONIA
Domingo, 3 do corrente
A 1 hora da tarde

Haverão as partidas seguintes :

1.ª, 2.ª e 3.ª :—6 atiradores, entrada 1\$500, prémios : ao vencedor 6\$000, ao que chegar em segundo lugar 1\$000.

4.ª, 5.ª e 6.ª :— 6 atiradores, entrada 1\$500, prémio : ao vencedor 8\$, ao que chegar em segundo lugar 1\$500.

7.ª, 8.ª e 9.ª :—6 atiradores, entrada 3\$000, prémio : ao vencedor 12\$, ao que chegar em segundo lugar 3\$000.

10.ª :— Entrada 5\$000, prémio ; ao vencedor 20\$000 e ao segundo 5\$000.

Haverão poules em todas as partidas a 1\$00.

Das 4 horas da tarde em diante tocará uma excellente banda de musica em frente ao pavilhão.

4146 2 1

Rink Cosmopolita
Domingo, 3 do corrente
GRANDE PATINAÇÃO COM MÚSICA

Das 8 1/2 às 11 da noite
Entrada geral, 500 réis.
Patinação á tarde
Preço do costume
As corridas annunciadas, por motivos imprevistos, ficam transferidas para o domingo seguinte.

Figura 7. Anúncio do Pavilhão dos Atiradores.

Figure 7. Pavilhão dos Atiradores advertisement.

Fonte: *Jornal do Comércio* (04/11/1882, p. 4).

No futuro, a patinação tomaria caminhos diversos em Porto Alegre, em determinados momentos se apresentando mais forte, em outros quase desaparecendo. Os estabelecimentos da Praça da Harmonia parecem ter persistido até 1884, quando foram leiloados (*A Federação*, 17/09/1884, p. 3). Na transição dos séculos XIX e XX, novos riques e clubes seriam fundados, bem como a prática adotada por outras agremiações. Isso, todavia, é assunto para outro estudo.

Considerações finais

Em um momento importante da história de Porto Alegre, quando passava por mudanças ligadas à adesão a ideias de modernidade, a patinação chegou à cidade. Havia similaridades entre essa prática e outras diversões que também se conformavam na ocasião, como as touradas e o esporte. Em linhas gerais, tratava-se de uma expressão da maior possibilidade de exposição corporal, relacionada a uma dinâmica pública mais ativa.

A patinação tinha, contudo, um diferencial. Enquanto, nas outras modalidades, a dimensão de assistir ao espetáculo era mais pronunciada, na diversão dos patins ela dividia espaço com a prática propriamente dita. Vale lembrar que foi constante a oferta de aulas, “ensaios” e “patinação geral”.

De toda forma, se compararmos o que houve em Porto Alegre com o desenvolvimento da modalidade na capital do país, o Rio de Janeiro, é possível perceber diferenças notáveis, entre as quais a menos intensa relação com as noções de saúde e higiene, bem como a menor participação feminina (como praticantes, já que como assistentes eram presenças constantes). Podemos considerar esses aspectos como um indicador das peculiaridades porto-alegrenses da adesão às ideias de modernidade?

Talvez sim, mas temos que reconhecer que, no caso de Porto Alegre, tivemos pouco acesso a editoriais e posicionamentos de cronistas sobre a patinação. Isso pode ter se dado em função da maior dificuldade que encontramos na investigação ou de uma característica dos jornais locais. Também não podemos perder de vista as devidas perspectivas e proporções, já que estamos falando de uma imprensa ligada à capital de uma província, não de um país.

O que importa é reconhecer que a patinação contribuiu para o dinamismo de uma Porto Alegre que se modernizava. Ao mesmo tempo em que era expressão desse movimento, também ajudava a conformá-lo. Típico produto de um mercado de entretenimentos que se delineava, contribuiu para forjar novos gostos e educar as sensibilidades para uma maior exposição corporal, para as noções de risco, de desafio, de velocidade.

A modernidade também chegava sobre rodinhas a Porto Alegre.

Referências

- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (APERS). 2012. Disponível em: <https://arquivopublicos.files.wordpress.com/2012/02/a-esmeralda-em-aguaceiro.jpg>. Acesso em: 18/04/2016.
- ÁVILA, V.F. 2010. *Saberes históricos e práticas cotidianas sobre o saneamento: desdobramentos na Porto Alegre do século XIX (1850-1900)*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 201 p.
- CERRI, L.F. 2002. Ensino de História e nação na propaganda do “Milagre Econômico”. *Revista Brasileira de História*, 22(43):195-224. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882002000100011>
- CERRI, L.F. 2005. A política, a propaganda e o ensino da história. *Caderno Cedes*, 25(67):319-331. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622005000300005>
- CORBIN, A. (org.). 2001. *História dos tempos livres*. Lisboa, Teorema, 396 p.
- CRARY, J. 2001. A visão que se desprende: Manet e o observador atento no fim do século XIX. In: L. CHARNEY; V. SCHWARTZ (orgs.), *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo, Cosac & Naify Edições, p. 81-114.
- HOHLFELDT, A. 2006. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. *E-compôs: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 7. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/118/117>. Acesso em: 30/09/2013.
- HOHLFELDT, A.; RAUSCH, F.F. 2006. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1937: discussão sobre critérios para uma periodização. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXIX, Brasília. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0431-1.pdf>. Acesso em: 03/04/2015.
- KARLS, C.E.; MELO, V.A. 2014. Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX. *História Unisinos*, 18(2):352-363. <http://dx.doi.org/10.4013/htu.2014.182.11>
- KOSLOWSKY, M. 2004. Manifestações esportivas na cidade de Pelotas: 1835-1935. *Revista NetHistória*. Disponível em: http://www.nethistoria.com.br/secao/ensaios/455/manifestacoes_esportivas_na_cidade_de_pelotas_1835_1935_/capitulo/3/. Acesso em: 02/04/2015.
- LUCA, T.R. 2005. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: C.B. PINSKY (org.), *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, p. 11-153.
- MARZANO, A.; MELO, V.A. (orgs.). 2010. *Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro, Apicuri, 304 p.
- MAZO, J. 2003. *A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre - Brasil (1867-1945): espaço de representações da identidade cultural teuto-brasileira*. Porto, Portugal. Tese de Doutorado. Universidade do Porto, 366 p.
- MELO, V.A. 2014. Antes do club: as primeiras experiências esportivas na capital do Império (1825-1851). *Projeto História*, 49:197-236.
- MELO, V.A. 2015. *Educando novas sensibilidades: a fashionable patinação e novos usos do corpo no Rio de Janeiro do século XIX (1872-1892)*. Rio de Janeiro. [mimeo].
- MELO, V.A.; PERES, F.F. 2014. *A gymnástica no tempo do império*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 205 p.
- MONTEIRO, C. 1995. *Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 152 p.
- MONTEIRO, C. 2006. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 530 p.
- PEREIRA, C.N. 2006. *Genealogia tropeira: Rio Grande do Sul – séculos XIX e XX*. Disponível em: <http://www.genealogiacorrea.com.br/GENTROP7.pdf>. Acesso em: 07/01/2016.
- PESAVENTO, S.J. 1999. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. 2ª ed., Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 191 p.
- PESAVENTO, S.J. 2007. Espaço, sociedade e cultura: o cotidiano da cidade de Porto Alegre. In: N. BOEIRA; T. GOLIN (coords.), *República Velha (1889-1930)*. Passo Fundo, Méritos, p. 163-228.
- RAMOS, G.B. 2014. *“É a causa dos oprimidos a que abraçamos”: considerações sobre escravidão e liberdade nas páginas do jornal A Reforma (Porto Alegre/1870-1888)*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- REPOSITÓRIO DIGITAL DA UFRGS. [s.d.]. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/9256/Rg3743.jpg?sequence=1>. Acesso em: 18/04/2016.
- SILVA, E. 2010. A teatralidade circense no Rio de Janeiro do século XIX. In: A. MARZANO, V.A. MELO (orgs.), *Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro, Apicuri, p. 125-152.
- TERRA, E. 2001. *As ruas de Porto Alegre*. Porto Alegre, Editora AGE, 183 p.
- WEBER, E. 1988. *França fin de siècle*. São Paulo, Companhia das Letras, 360 p.

Fontes primárias

- A FEDERAÇÃO. 17/09/1884, p. 3; 19/07/1909, p. 1.
- A IMPRENSA. 17/01/1882, p. 2.
- A REFORMA. 18/07/1878, p. 3; 25/08/1878, p. 4; 25/10/1878, p. 3; 29/10/1878, p. 3; 17/11/1878, p. 3; 29/11/1878, p. 4; 04/07/1879, p. 3; 13/07/1879, p. 3; 22/07/1879, p. 3; 26/07/1879, p. 4; 01/08/1879, p. 3; 21/08/1879, p. 3; 11/10/1879, p. 4; 27/11/1879, p. 2; 16/12/1879, p. 3.
- GAZETA DE PORTO ALEGRE. 24/11/1881, p. 3; 24/12/1881, p. 3
- JORNAL DO COMÉRCIO. 06/11/1878, p. 3; 10/11/1878, p. 1; 12/11/1878, p. 4; 08/07/1881, p. 2; 14/10/1882, p. 2; 04/11/1882, p. 4.
- O SÉCULO. 23/04/1882, p. 2; 30/04/1882, p. 2; 16/07/1882, p. 3.

Submetido: 11/04/2015

Aceito: 07/01/2016